

# *Investigações sobre o método de W. Bion: uma leitura de "Sobre arrogância"<sup>1</sup>*

*Adriana Salvitti*

## **Resumo**

Já na década de 1950 é possível reconhecer nos artigos de Bion características metodológicas que, em conjunto ao desenvolvimento de seus trabalhos posteriores, compõem uma forma de abordagem para a prática e para a teoria psicanalítica. O seu método estará em constante processo de formulação e ampliação e nunca será apresentado como um conjunto de regras exteriores ao fazer psicanalítico e ao modo de ser psicanalista. Podemos delinear algumas de suas características no artigo "Sobre arrogância" (1957) por meio do relato clínico apresentado. Além das importantes compreensões teóricas desenvolvidas neste período é possível trazer para um primeiro plano de análise a maneira de Bion chegar a essas idéias. A investigação apresentada aqui está baseada nos conceitos presentes em sua teoria.

## **Unitermos**

Capacidade negativa; curiosidade; arrogância; identificação projetiva; comunicação primitiva.

**E**ste texto resulta, principalmente, de reflexões do nosso contato e esforço de compreensão dos trabalhos de Bion. Acreditamos que elas possam ajudar aqueles que começam a estudá-lo, bem como aqueles que têm interesse em pensar o método psicanalítico e a particular relação existente na obra de Bion entre o desenvolvimento de conceitos, a forma de exposição teórica e a prática clínica. Essa relação não é facilmente observável e não está colocada de modo explícito. Ela pede ao leitor uma articulação, cujo trabalho de abstração assemelha-se à parte da teoria formulada por Bion. Essa abstração, ou ainda, a experiência emocional de leitura, pode combinar-se com conceitos que Bion desenvolve a partir da prática clínica (tais como a *rêverie*, a capacidade negativa e o *second thoughts*). Guardadas as proporções, a união da leitura a esses conceitos aproxima-se das características do pensar psicanalítico.

É também por meio de noções como a de *second thoughts* que podemos levantar discussões de caráter metodológico em um artigo inicial, como em *Sobre arrogância*, ainda que essa questão não estivesse colocada nesse momento, e relacioná-la com conceitos desenvolvidos posteriormente.

No relato clínico apresentado por Bion em *Sobre arrogância*, de 1957<sup>2</sup>, é possível observarmos o modo como ele chega a certas compreensões teóricas e à formulação de sentidos a partir de uma situação em que predominam características psicóticas. A partir desse relato, podemos esboçar um método de trabalho que será descrito e desenvolvido ao longo de sua obra.

Por se tratar de um artigo inicial, corremos o risco de justificar essa leitura pela busca da origem de idéias relativas ao método. A leitura apresentada aqui certamente está marcada por um retorno (aliás, vários retornos). No entanto, essa volta não se destina a acompanhar ponto por ponto como certas concepções se desenvolvem até adquirirem a devida importância em trabalhos posteriores. Também não nos interessa verificar neste artigo origens para a teoria ou buscar justificativas para o surgimento de certas idéias. O que faremos é levar em consideração, nesta leitura, uma forma de pensar psicanalítica, abstraída de seus trabalhos. Essa consideração diferencia-se de uma abordagem rigorosamente epistemológica ou histórica para suas idéias, apesar de não estar em oposição a elas.

Na obra de Bion podemos observar um estreito vínculo entre a exposição teórica e suas concepções acerca da prática clínica. A forma com que suas idéias são apresentadas em grande parte de seus textos pode ser relacionada à formulação de um método de pensar a experiência clínica durante a prática. Dentre seus conceitos, a maneira com que se desenvolvem e o seu modo de pensar a teoria em relação à prática, há um vínculo que não está dado de um modo direto e claro, mas que pode ser construído pelo leitor e utilizado como uma chave de leitura. A consecução desse vínculo é uma tarefa sugerida por Bion ao leitor, ora de modo direto<sup>3</sup>, ora indireto, e podemos identificá-la com diferentes modelos de atividade de pensar presentes em seus trabalhos. Um deles é representado pela noção de "capacidade negativa". Esse termo aparece apenas em 1970 no livro *Atenção e interpretação*, e foi extraído por ele de uma carta escrita pelo poeta Keats. Significa a capacidade de permanecer em um estado de dúvidas e incertezas, sem correr ou apressar a formação de significados. Aqui, a capacidade negativa pode também ser utilizada como um modelo de abordagem para seus trabalhos<sup>4</sup>.

O leitor de Bion freqüentemente se depara com uma forma de exposição teórica peculiar, identificada por Meltzer como idiossincrática e ambígua. Para ele,

trata-se de algo característico do espírito brincalhão de Bion, valer-se de ambigüidades a fim de dar margem ao leitor tanto para perder-se na compreensão quanto para permanecer intrigado e incerto por algum tempo, até surgir o esclarecimento (1998, p. 12).

Mesmo que na década de 1950 Bion ainda não parecesse estar tão livre assim para fazer pleno uso desses recursos (Meltzer, 1998), em geral seu estilo causa certo incômodo e requer boa dose de tolerância do leitor para prosseguir nas leituras. Mas de acordo com sua teoria, não é justamente desse estado que pensamentos podem ser gerados?

Bion não estava tão diretamente interessado no leitor quanto o estava na prática clínica e na formulação de uma teoria sobre o pensar. No entanto, nos *Comentários*<sup>5</sup> feitos em 1967, utiliza-se da perspectiva do leitor para levantar assuntos concernentes à especificidade da prática psicanalítica, tal como a possibilidade de comunicação da experiência emocional. Além disso, se é como leitores que abstraímos de suas discussões teóricas um modo de pensar psicanalítico, é porque Bion desenvolve uma teoria do pensar voltada à prática, e porque essa teoria não é extrínseca à sua personalidade ou modo de ser.

Ela nasce de desconfortos, incômodos, insuficiências e incertezas em relação à experiência clínica e às teorias psicanalíticas que o influenciaram, principalmente as de Freud e Klein. Poderemos observar essa insuficiência em *Sobre arrogância*, assim como o que dela é gerado naquele momento.

Antes de entrarmos no artigo propriamente dito, cabe ainda uma observação acerca do livro em que *Sobre arrogância* está publicado. Em inglês, o livro é intitulado *Second Thoughts*, e foi publicado em 1967. Nele estão reunidos artigos escritos principalmente na década de 1950. Para essa publicação Bion escreveu um capítulo introdutório e um comentário final (*Commentary*), em que retoma e repensa esses artigos iniciais. A edição brasileira do livro tem por título *Estudos psicanalíticos revisados*, mas essa tradução não transmite a idéia contida no título original. *Second thoughts* é uma expressão idiomática inglesa que significa o ato de pensar melhor, repensar, pensar novamente a respeito do que havia sido colocado, e não uma revisão. Bion retoma o que havia escrito em um outro momento, depois de ter desenvolvido grande parte de sua teoria. Esse retorno gera críticas e marca diferenças, mas não é

utilizado por ele para se descartar do que havia pensado. Por esses comentários percebemos que Bion usa o que escrevera como uma forma de propor e discutir outras abordagens. Ao retomar para si as formulações anteriores, oferece ao leitor uma releitura, e com ela a possibilidade de também fazer um novo contato com o que havia sido afirmado.

A capacidade negativa, o *second thoughts*, ou ainda o modelo da espiral em hélice (Bion, 1973; 1987) utilizado para descrever o processo de desenvolvimento dos pensamentos e o crescimento mental, representam processos nos quais os pensamentos são formados, expandem-se e podem ser pensados. Sua base “motora” é definida pelas sucessivas fragmentações e rearticulações de sentido, dada pela contínua oscilação entre as posições esquizo-paranóide e depressiva. Esses processos estão presentes na atenção igualmente flutuante, na livre associação, na formação do sonhar, na *rêverie*.

Com tais noções metodológicas, podemos voltar-nos para seu trabalho e observar o método presente. Acredito que ao falarmos em capacidade negativa ou ainda em oscilação entre as posições esquizo-paranóide e depressiva como intrínsecas a um método de observação, tenha ficado claro que não estamos nos referindo à idéia de método tal como um conjunto de procedimentos racionais, extrínsecos à experiência emocional do observador<sup>6</sup>.

O uso das compreensões obtidas *a posteriori* é um recurso que amplia a leitura, sem desconsiderar as especificidades e os limites do artigo. Ao longo dos trabalhos ficamos sabendo do interesse de Bion pela formação do analista, vemos a elaboração das funções analíticas, dos usos e da gênese do pensamento, e a discussão sobre a especificidade da relação que há na psicanálise entre a teoria e a técnica. Com essa bagagem de 1957 em mãos, podemos identificar e dar importância para certos aspectos do relato clínico e delinear um método característico de trabalho. Isso não significa afirmar que tudo já estava lá, aguardando condições ideais para o desenvolvimento que vemos ocorrer depois. A busca por indícios e evidências sobre o método não está encerrada no que pertence exclusivamente ao passado ou ao futuro teórico quando lidamos com essa metodologia.

Com base nessas colocações, poderemos agora referir-nos diretamente ao artigo.

Bion apresenta um conjunto de contribuições teóricas à situação edípica e a importância que elas têm para o trabalho com a psicose. Apresenta também um caso clínico, no qual a identificação projetiva é caracterizada como

um modo de comunicação primitivo. Diferentemente de abordagens psicanalíticas tradicionais, para Bion a identificação projetiva não se restringe apenas a uma fantasia intrapsíquica, pertencente ao espaço mental do paciente.

Por meio do relato clínico podemos observar que progressivamente a identificação projetiva emerge como um conceito articulador da relação analítica, passando a expressar o estado mental e as ações e reações de ambos – paciente e analista. Esse sentido não existia previamente na forma de um *a priori* conceitual; seu processo de formulação ocorreu na experiência e a partir dela; dependeu da consideração de Bion acerca do que ele mesmo representava para o paciente e como este sentia suas intervenções.

Quanto ao Édipo, Bion comenta que noções como as de arrogância, curiosidade e estupidez presentes no mito são de grande auxílio para a identificação de mecanismos psicóticos. A evidência de uma ou mais dessas noções durante a sessão, assim como a ocorrência esparsa e sem uma aparente correlação entre elas, deve deixar o analista atento para a existência de uma catástrofe psicológica.

O crime sexual não é o centro de análise do mito e a ênfase passa a ser colocada no modo como a verdade é buscada e em como a curiosidade se manifesta. O mito de Édipo serve a Bion para ilustrar essa dinâmica, assim como para iluminar a conexão entre curiosidade, arrogância e estupidez.

Mais tarde, nos livros *O aprender a partir da experiência* (1962) e *Elementos de psicanálise* (1963), Bion examina como o mito serve ao analista no estabelecimento de conexões entre a teoria e o fenômeno clínico. Antes de ilustrar e iluminar aspectos da análise, a relevância sobre o uso do mito está no processo pelo qual seus elementos evoluem a ponto de expressarem o fenômeno. Na análise, a evolução para uma compreensão importa mais do que identificar pela memória elementos comuns entre o mito e a situação clínica. É o que Bion assinala em diferentes passagens dos comentários feitos em 1967. No que se refere a *Sobre arrogância*, diz:

...eu reedito o mito de Édipo como um meio de esclarecer a conexão entre curiosidade, arrogância e estupidez; a conexão não pode ser tão facilmente estabelecida na prática psicanalítica. Encontrei uma maior dificuldade quando estava confiando na memória para suprir os vínculos do que hoje quando permito que a situação analítica evolua e, então, interpreto a “evolução”. É essencial para o psicanalista e o seu paciente que a operação da curiosidade seja demonstrada por ela mesma e não o seu nome (Bion, 1993, p. 161).

O interesse de Bion pela evolução de uma idéia tem menos a ver com uma tentativa de estabelecer uma teoria do conhecimento, tal como ocorre na filosofia, do que com as condições existentes na relação entre paciente e analista e a capacidade para pensá-la. Podemos relacionar a especificidade de seu interesse epistemológico com a idéia kleiniana de impulso epistemofílico. A busca pelo conhecimento e pelos elementos que dela fazem parte tem por base uma relação emocional. É a partir da relação analítica, e do que Bion designa por experiência emocional, que significados relativos a essa experiência podem ser abstraídos<sup>7</sup>.

Durante a apresentação do caso podemos ver o desenvolvimento de idéias que elucidam as qualidades da relação analítica. À parte o fato dessa observação ser relevante para uma compreensão de como Bion passa a conceber a análise naquele momento, podemos também identificar fatores que propiciaram esse desenvolvimento e que levaram à formulação de significados e a observações novas. Há aí uma metodologia cujas características compõem uma teoria sobre a técnica, mesmo que este não seja o assunto em discussão no artigo.

Começaremos agora a delimitar o método presente, sem a pretensão de esgotar o que pode ser dito a seu respeito.

A narrativa do caso tem como ponto central um momento da análise de um paciente neurótico, em que passam a predominar estados psicóticos. Há perda da comunicação verbal existente até então. As interpretações e as teorias usadas pelo analista não dão conta de restabelecer a comunicação ou promoverem sentidos que contemplem o acontecimento. A situação presente é de ausência de significados. Nem o paciente consegue exprimir-se em uma linguagem verbal articulada, nem as interpretações conhecidas e usuais ajudam-no a estabelecer contato com a realidade psíquica. Analista e paciente encontram-se perdidos, à mercê de emoções intensas. Como o próprio Bion comenta, ambos formavam um par frustrado.

É em meio a esse estado que a análise passa a caminhar para compreensões absolutamente novas, tanto para o paciente quanto para o analista.

Durante as investigações vemos Bion comentar que interpretações conhecidas acerca das ansiedades de caráter sexual do paciente, ou interpretações sobre a inveja e destruição do par criativo, não promoviam avanços. No entanto, além da crescente ansiedade, Bion assumia existir algum progresso no comportamento do paciente, ainda que teoricamente. Ele então afirma:

com essa suposição em mente, eu passei a procurar por alguma pista reveladora que indicasse que mudança seria essa. Nesse meio tempo, as sessões continuavam tais como antes. Eu *permaneci perdido* até um dia que o paciente, em um momento lúcido, disse imaginar que eu podia agüentar aquilo. Isso me deu uma pista: ao menos agora eu sabia haver algo que era capaz de agüentar e que ele aparentemente não podia (Bion, 1993, p. 90 – grifo nosso).

A análise progressivamente caminha para a formulação de um sentido desse algo a partir da situação e da procura por pistas que levariam o analista a abstraí-lo e realizá-lo. Ao longo desse trajeto, vemos que as características da investigação promovida pelo analista afetam o paciente, e que a formação do sentido é intrínseca à observação de Bion sobre a forma com que o paciente sente essa investigação. Esta, por sua vez, recebe as qualidades de arrogância, curiosidade implacável e estupidez; não é à toa que nesse momento do relato Bion as percebe com uma maior freqüência, bem como sua correlação. A atenção para com seu estado mental, assim como o do paciente em relação ao analista, indicam que ora ele (Bion) representava uma força obstrutora ao contato criativo da dupla, ora essa força estava no paciente, ora em lugar desconhecido. Essa força passa a ser vinculada à arrogância, curiosidade e estupidez, e Bion conta como chega a essa associação: “O efeito cumulativo dessas referências era para me persuadir de que sua relação dependia da associação com o objeto obstrutor”. E mais adiante diz: “Eu, conseqüentemente, senti haver um ganho no conhecimento da qualidade da força obstrutora” (1993, p. 91). Esse conhecimento é, portanto, conquistado por meio de uma insinuação persuasiva e progressiva. A maneira com que Bion descreve a formação desse conhecimento dá a entender que a associação era importante porque necessária para o paciente (induzida por ele?), assim como para o analista.

O caráter dessa persuasão pode ser apenas especulado ou imaginado por nós, mas anuncia-se como extremamente significativo, na medida em que Bion entende haver uma comunicação primitiva não-verbal entre o paciente e o analista, levando-o a ampliar sua compreensão sobre a função da identificação projetiva.

É importante ressaltar que os sentidos aos quais Bion é conduzido formaram-se a partir de uma situação caótica, em que o analista e o paciente sentiam-se perdidos. É dessa situação que pistas foram aparecendo e indicando o caminho a ser seguido. A investigação, um dos componentes metodológicos da análise, pode adquirir características emocionais e não-verbais, que propiciam ou impedem a observação. A presença do objeto

obstrutor é um exemplo disso, e não o vemos afirmar que ele pertencia exclusivamente a um ou outro da dupla.

Os elementos do mito de Édipo, ressaltados com base no estado psicótico vivido pelo paciente, não se aplicam apenas a ele, mas servem também para descrever as condições mentais do analista de um modo geral, e não só naquela relação particular. Essa consideração, abstraída da situação clínica para uma teoria da técnica, levanta ao menos duas questões. Uma delas diz respeito à importância de se “permitir” ao paciente fazer uso da identificação projetiva como uma forma de comunicação de seu estado mental, o que nos leva a idéias sobre a função do analista e sua capacidade para conter e elaborar essa comunicação. As aspas colocadas na palavra permitir indicam que não se trata de uma decisão deliberada, mas sim do que é da ordem de uma condição emocional. A outra questão diz respeito à qualidade dessa comunicação e ao caráter da identificação projetiva. Ou seja, para além de uma capacidade que deve ser exercitada pelo analista, pertencente a ele e trazida para a análise tal como uma técnica-objeto, essa comunicação traz consigo a implacabilidade de sua condição primitiva, não-verbal, e os limites à formação simbólica. A capacidade de pensar do analista não está totalmente desvinculada da situação presente, sendo também parte de uma metodologia ou parte de uma condição do psicanalisar, que se dá a partir da situação. Caso seja tomada como uma regra de como ser e como agir, pode dar a entender que depende somente da presença do analista ou de uma vontade de tratar o paciente.

Se por um lado podemos fazer referência à arrogância do analista, que insiste em manter sua própria forma de comunicação, ou à arrogância do paciente ao fazer uso da curiosidade para não conhecer por outro lado, e acompanhado dos limites presentes na personalidade de cada um deles, há a situação gerada do encontro e do que dele é feito. É desse lugar que Bion afirma que atitudes arrogantes impedem a evolução do pensamento. Portanto, mais do que uma regra, esse método é identificado com um modo de ser em relação, que leva a formação de significados comuns à experiência emocional presente.

Não vemos Bion afirmar que suas dificuldades foram causadas pela identificação projetiva do paciente, que ele não tinha capacidade para analisá-lo, ou mesmo que o problema estava na teoria e na técnica empregadas. No relato percebemos que a teoria e a técnica não foram utilizadas de “fora para dentro”, mas adquiriram significados próprios àquela situação.



O caso sugere que não há um analista previamente pronto para um paciente, pronto para trabalhar as projeções de modo a serem recebidas pelo paciente como adequadas. O tempo necessário para que uma projeção seja qualificada como pronta ou não para ser interpretada não está previamente dado, assim como a projeção não vem acompanhada de um "timer". São antes as comunicações e as reações do paciente, bem como a atenção do analista às suas hipóteses, à finalidade e aos usos de suas interpretações que formam aos poucos uma modulação de intervenções adequadas.

O caso relatado mostra-nos que as atitudes do paciente, bem como as do analista, não existem isoladamente, mas em relação, influenciadas pela qualidade do vínculo existente. Se em um primeiro momento toda essa situação joga Bion em um caos de significações e na sensação de estar perdido, é essa mesma situação que oferece as "dicas" necessárias para a passagem da comunicação primitiva ao vínculo simbólico. A condição para se desfazer dos sentidos conhecidos até então liga-se à capacidade do analista para perceber a insuficiência deles, de suportar a ausência daqueles que expressem a situação presente, e estar aberto à comunicação possível do paciente naquele momento. Isso leva a supor que Bion não faz um uso dogmático e arrogante de seu pensamento, e que sua atitude está relacionada ao paciente (tanto naquilo que ele possibilita quanto no que impede o contato com o analista).

A capacidade para permanecer perdido em meio ao caos simbólico e não simbólico, sem ser levado a buscar respostas prontas e apaziguadoras, ou ao menos observar o quão facilmente se é levado a assumir essa posição, proporcionou a emergência de significados novos e imprevistos. Mais tarde (tal como em 1962), vemos Bion desenvolver a idéia de experiência emocional e discutir a importância de concepções geradas a partir dela e comuns à dupla analítica. No entanto, isso já aparece nesse artigo, mesmo que não esteja articulado em uma teoria. A capacidade do analista de vir a suportar o caos não simbólico, acompanhar as reações do paciente, e desse lugar encontrar um sentido comum a essa experiência, compõem as condições para a investigação e observação.

No final do artigo Bion afirma que a catástrofe existente originou-se dos ataques à ligação primitiva entre o paciente e o analista; fato que está vinculado à idéia de comunicação da identificação projetiva. Ele diz:

Fui capaz de deduzir que o objeto obstrutor estava curioso a respeito dele [paciente], mas não podia agüentar ser o receptáculo de partes de sua personalidade e, de acordo com isso, promoveu ataques destrutivos e mutiladores, largamente através de variedades de estupidez, sobre a capacidade do paciente de fazer identificação projetiva. Portanto, concluí que a catástrofe se originou dos ataques mutiladores feitos sobre essa espécie primitiva de vínculo entre o paciente e o analista (Bion, 1993, p. 92).

Vemos que sua atenção está voltada para a natureza da relação e ao que dela sobrevém. Não importará para Bion a catástrofe psicológica como um evento estático e restrito a algum passado mítico do paciente (sem, com isso, desconsiderar aspectos arcaicos), e sim como um evento que permanece ativo e é presente durante a sessão; observado e formulado à medida que o analista percebe-se influenciado pelas comunicações do paciente.

A saída para a situação vivida não estava em outro lugar, em outra teoria melhor ou mais correta, mas na formação de uma nova aproximação à situação, a partir dela mesma.

## **Notas**

1. Agradeço Luciana Pires, o apoio de Nelson Coelho Jr, Luís Claudio Figueiredo e Ignacio Gerber.
2. Faço uso das edições inglesas dos trabalhos de Bion e me responsabilizo pelas traduções aqui apresentadas.
3. Ver, por exemplo, a introdução de *Aprender a partir da experiência* (1962), ou os comentários feitos a esse livro em *Cogitações* (1992).
4. Essa abordagem, assim como a forma de pensar psicanalítica, pode ser aproximada das noções de posição e atitude, empregadas respectivamente por Figueiredo e Coelho Jr (2000) e Gerber (2001), ao se referirem à ética do psicanalista. O pensamento desses autores está em consonância com o de Bion, assim como amplia as possibilidades de reflexão sobre sua teoria.
5. O contexto em que este trabalho foi escrito será esclarecido nos parágrafos seguintes.
6. É importante ressaltarmos o fato de que, na psicanálise, a noção de metodologia é um tanto quanto problemática, assim como a idéia de epistemologia; entretanto, esse tema não será desenvolvido aqui.
7. A abstração é um dos estágios que compõe o "processo global de simbolização", concebido por Rezende (2001) a partir das idéias de Bion. Ela deriva da experiência emocional presente e passa a significá-la de tal modo que leva à sua realização. Esse processo pode também ser acompanhado na dissertação de mestrado de Salvitti (2002), a partir do esquema proposto por Rezende.

## **Referências Bibliográficas**

- BION, W. R. (1957). On Arrogance. In: \_\_\_\_\_. *Second Thoughts*. London: H. Karnac, 1993.
- \_\_\_\_\_. (1962). *Learning From Experience*. London: H. Karnac, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1963). *Elements of Psychoanalysis*. London: H. Karnac, 1989.
- \_\_\_\_\_. (1967). Commentary. In: \_\_\_\_\_. *Second Thoughts*. London: H. Karnac, 1993.
- \_\_\_\_\_. (1970). *Attention and Interpretation*. London: H. Karnac, 1993.
- \_\_\_\_\_. (1973-1974). *Brazilian Lectures 1*. London: H. Karnac, 1990.
- \_\_\_\_\_. Sobre uma citação de Freud. *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo, 21: 134-141, 1987.
- \_\_\_\_\_. (1992). *Cogitations*. London: H. Karnac, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Second Thoughts*. London: H. Karnac, 1993.
- FIGUEIREDO, L.C.; COELHO Jr, N.E. *Ética e técnica em psicanálise*. São Paulo: Escuta, 2000.
- GERBER, I. Bion e Matte-Blanco. In: REZENDE, A.M.; GERBER, I. *A psicanálise "atual" na interface das "novas ciências"*. São Paulo: Via Lettera, 2001. Cap. 10.
- MELTZER, D. *O desenvolvimento kleiniano III: o significado clínico da obra de Bion*. São Paulo: Escuta 1998.
- REZENDE, A.M. Uma lógica do pensar psicanalítico. In: REZENDE, A.M.; GERBER, I. *A psicanálise "atual" na interface das "novas ciências"*. São Paulo: Via Lettera, 2001. Cap. 2.
- SALVITTI, A. *A construção teórica a partir da experiência emocional: uma leitura da obra de W. R. Bion*. 2002, 82p. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2002.

## **Investigations on W. Bion's Method: a Reading of "On Arrogance"**

### **Abstract**

In Bion's articles of the 1950's one can already identify methodological characteristics that together with the development of his later works will compose a way of approaching the psychoanalytic practice as well as the theory. His method will be in constant formulation and expanding process, and will never be presented as a set of rules exterior to the psychoanalytic practice and to the way of being a psychoanalyst. Its characteristics can be outlined in the article "On arrogance" (1957), through the clinical case presented. Besides the important theoretical comprehensions developed at that time, it is possible to bring to the foreground the way by which Bion reaches these ideas. The investigation presented here is based on concepts employed by his theory.

### **Keywords**

Negative capability; curiosity; arrogance; projective identification; primitive communication.

### **Adriana Salvitti**

Psicóloga; Mestre em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Av. Nossa Sra. da Assunção, 257 – 05359-000 – Butantã – São Paulo/SP

tel: (11) 3733-0546

e-mail: [adrianasalvitti@zipmail.com.br](mailto:adrianasalvitti@zipmail.com.br)

recebido em 24/04/03  
versão revisada recebida em 27/08/03  
aprovado em 28/08/03